

SENTIDOS ATRIBUÍDOS À SATISFAÇÃO SEXUAL POR MULHERES QUE VIVENCIAM O TRABALHO SEXUAL: ESTUDO FENOMENOLÓGICO

MEANINGS ATTRIBUTED TO SEXUAL SATISFACTION FOR WOMEN WHO EXPERIENCE SEX WORK: PHENOMENOLOGICAL STUDY

Pablo Luiz Santos Couto¹.

Centro Universitário FG - Brasil

pablocouto0710@yahoo.com.br

Tarcísio da Silva Flores².

Centro Universitário FG - Brasil

tarcisiosflores@gmail.com

Samantha Souza da Costa Pereira³.

Centro Universitário FG - Brasil

samantha.uefs@gmail.com

Carle Porcino⁴.

Universidade Federal da Bahia - Brasil

carle.porcino@outlook.com

Alba Benemérta Alves Vilela⁵.

Universidade Federal da Bahia - Brasil

albavilela@gmail.com

Resumo: Objetivou-se compreender os sentidos atribuídos à satisfação sexual por mulheres que vivenciam o trabalho sexual. Trata-se de um estudo qualitativo, fundamentado nas abordagens fenomenológicas de Sartre e Heidegger. Foi realizado com 30 trabalhadoras sexuais da região do Alto Sertão Produtivo Baiano. Evidenciou-se que as mulheres têm os sentidos sobre satisfação sexual, estruturados na dimensão financeira em interface à autoestima e ao ato sexual, explicadas a partir das experiências aprendidas, enquanto são/estão inseridas no serviço sexual. Esses sentidos revelam que o prazer em conexão ao dinheiro é a sobrevivência e subsistência. Já o orgasmo propriamente dito, remete à autoestima e às emoções sentidas por quem nutre afeto. Essas nuances, mostram que o serviço sexual é além de ofício, o contexto que permite elas ser/estar em um espaço com possibilidades de vivências multifacetadas, como a liberdade sexual, em uma temporalidade que é reflexo de subjetividades que extrapolam o determinismo natural.

Palavras-chave: trabalhadoras sexuais, sexualidade, saúde sexual, fenomenologia.

Orcid¹: 0000-0002-2692-9243

Orcid²: 0000-0001-6350-2698

Orcid³: 0000-0001-5978-520X

Orcid⁴: 0000-0001-6350-2698

Orcid⁵: 0000-0002-1187-0437

Recibido: 03.03.2021

Aceptado: 24.01.2022

Abstract: The objective was to understand the meanings attributed to sexual satisfaction by women who experience sex work. It is a qualitative study, based on the phenomenological approaches of Sartre and Heidegger. It was carried out with 30 sex workers from the Alto Sertão Produtivo Baiano region. It was evident that women have their senses about sexual satisfaction, structured in the financial dimension in interface with self-esteem and the sexual act, explained from the experiences learned, while they inserted in the sexual service. These senses reveal that pleasure in connection with money is survival and subsistence. The orgasm itself refers to the self-esteem and emotions felt by those who have affection. These nuances show that sexual service is more than just a job, the context that allows them to be in a space with possibilities for multifaceted experiences, such as sexual freedom, in a temporality that is a reflection of subjectivities that go beyond natural determinism.

Keywords: sex workers, sexuality, sexual health, phenomenology.

1. Introdução

A prostituição é uma prática marginalizada pela sociedade, pois além de envolver a sexualidade e as práticas sexuais humanas em troca de dinheiro, é permeada por estigmas sociais construídos sobre a profissão, praticada por mulheres, que vivenciam em seus corpos, uma luta pela liberdade e sobrevivência (Pasini, 2015; Couto et al., 2020). Tradicionalmente o papel social da mulher foi construído com base em pressupostos reducionistas e limitadores das suas potencialidades, restringindo sua atuação à ambiência doméstica, à maternidade, aos cuidados com os filhos e com o lar, o que ocorria sob a tutela do esposo, figura que monopolizava o controle da estrutura familiar, amparando-se no sistema patriarcal, que lhe outorgava este privilégio (Hirata, 2014; Beauvoir, 2016).

Ao reproduzir num contexto micro a dominação do homem sobre a mulher – dominação esta que se dá desde o âmbito social mais macro – o matrimônio reverbera, em espaço íntimo, o papel servil e inferiorizado da figura feminina (Hirata, 2014; Foley, 2017). Neste sentido, segundo Beauvoir (2016) o casamento pode ser considerado dramático para a mulher, ao passo que a mutila, delega-lhe ocupações exaustivas e desprovidas de prazer, obrigando-a, assim, à repetição e à rotina.

A prática sexual no casamento se insere no contexto que ora se discute: sob a alegação, amplamente difundida pelos dogmas da religião cristã de que, ao casar-se, a esposa não pode prescindir de satisfazer os desejos sexuais do marido, é ensinado à mulher que no matrimônio o sexo deve ser praticado sob o viés da abnegação, tendo como lastro o amor e a entrega incondicionais. Para tanto, em muitas circunstâncias, elementos como o desejo da mulher, as más condições da sua saúde sexual ou emocional, não são levados em consideração (Hirata, 2014; Foucault, 2014).

Diferente daquilo que é ensinado às mulheres que contraem matrimônio, a expressão da sexualidade, pelas profissionais do sexo, dá-se numa conjuntura de financeirização, sendo seus corpos o instrumento utilizado com vistas à obtenção do lucro, mantendo largo distanciamento do desígnio da abnegação ou do afeto (Leite, Murray & Lenz, 2015; Carter et al., 2018; Foucault, 2014).

O Brasil é marcado por intensas e históricas desigualdades sociais. As repercussões negativas – como marginalização social, injusta distribuição de renda, ausência de políticas públicas inclusivas, dentre outros aspectos – de um Estado que trata seus cidadãos de forma assimétrica e inequânime refletem, sobretudo, nas minorias sociais e nos estratos mais baixos da pirâmide social. Nessa conjuntura, têm-se as trabalhadoras sexuais (França, 2017).

A escassez de políticas públicas inclusivas, bem como a ausência do Estado no suprimento das necessidades mais elementares dessas minorias, expõe as trabalhadoras sexuais a precárias condições socioeconômicas, que resultam dos seus níveis de escolaridade insuficientes e da sua parca qualificação profissional (Pasini, 2015; Leal, Souza & Rios, 2017). Além disto, estas mulheres sofrem violências e são expostas a diversas situações de vulnerabilidade (Foley, 2017). Deste modo, frente às necessidades que são peculiares a qualquer ser humano e diante das dificuldades de inserção no mercado formal de trabalho, a prática da prostituição passa a ser concebida, por estas mulheres, sob a perspectiva de uma atividade laboral, que pode dar-lhes o sustento de que precisam para manterem-se a si mesmas, e, por vezes, aos seus filhos e aos demais parentes que delas dependem (Prada, 2018; Couto et al., 2020; Broqua & Deschamps, 2014).

Observa-se diversos problemas baixa escolaridade, pouca qualificação, condições socioeconômicas desfavoráveis, condições de moradias precárias, situações de violência e outras condições de vulnerabilidades, bem como de ordem emocional e afetiva, o que favorecem uma avaliação negativa da qualidade de vida (Leite, Murray, & Lenz, 2015; Carter et al., 2018). A satisfação sexual, no âmbito desta área, em sua interface com a saúde, pode ser comprometida, pois o prazer nem sempre é alcançado e o foco dessa satisfação é voltado à subsistência (Couto et al., 2020), podendo gerar conflitos subjetivos e interpessoais (Foucault, 2014).

Alguns estudos, sobretudo os desenvolvidos na França, Malásia ou em alguns países africanos, e até mesmo no Brasil, apontam que o prazer sexual não são atingidos com frequência com os cliente, visto que o objetivo é remuneração (Broqua & Deschamps, 2014; Prada, 2018; Thng et al., 2018; Couto et al., 2020; Kimani et al., 2020). No entanto, há outros autores que ponderam que há algumas mulheres, que conseguem exercer a sexualidade e obter satisfação sexual juntos aos seus clientes (Martínez, & Rodriguez, 2012; Olivar, 2017), havendo nesse sentido, um

tensionamento, mas que não cabe generalizações, visto que as experiências, vivências e o cotidiano de cada uma ou um grupo delas é singular, atravessado por perspectivas multifacetadas de diversas pessoas envolvidas com o mercado sexual (Zelizer, 2009; Olivar, 2011).

As mulheres envolvidas com o trabalho sexual (termo técnico dado pelo Ministério do Trabalho e Emprego às prostitutas) ofertam um serviço de aluguel de seus corpos, o que possibilita autonomia e independência financeira, além da satisfação de necessidades pessoais e familiares (Munoz & Marta, 2014; Carter et al., 2018). A satisfação sexual pode ser entendida sob um espectro multifacetado, conceituada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um indicador de saúde sexual no âmbito da qualidade de vida e dos direitos sexuais e reprodutivos, que abrange questões de ordem fisiológica (funcionamento sexual) e, também, subjetivos sob a égide dos relacionamentos afetivos e a relação com fatores socioeconômicos e culturais (Foley, 2017; Couto et al., 2020).

Neste contexto, a Teoria Fenomenológica é importante para os estudos com populações vulneráveis, como as profissionais do sexo, cujas experiências vividas são construídas em contexto singulares e multifacetados e os sentidos são percebidos a partir da compreensão de como esses temas subjetivos e íntimos são vivenciados no cotidiano e, para esse estudo, na vivência do trabalho sexual (Heidegger, 2012; Souza, Cabeça, & Melo, 2018). A pesquisa com a abordagem fenomenológica, direciona para a compreensão do outro enquanto ser/estar-no-mundo, despertando para uma visão afetiva e efetiva sobre as experiências adquiridas pelo ser humano em suas vivências do seu dia-a-dia (Heidegger, 2012). Portanto, ao presar por uma condução fenomenológica, nas reflexões sobre os sentidos atribuídos, pelas trabalhadoras sexuais, à satisfação sexual, não será possível tangenciar interpretações moralizantes e naturalizantes sobre mulheres que vivenciam em seus corpos a essência da liberdade sexual, que fogem ao determinismo biológico e comportamental esperado para as mulheres nas sociedades patriarcais (Sartre, 2016).

Outrossim, as reflexões a serem construídas justifica-se por apontar possibilidades de profissionais de saúde, de olhar para um grupo populacional estigmatizado socialmente, e colocado em situação de vulnerabilidade pelo Estado, em uma região carente do país, o semiárido do nordeste brasileiro (Prada, 2018). Salienta-se que a saúde sexual não remete apenas às IST's, mas é um direito que deve ser estimulado e entendida como um direito considerado básico à vida e a dignidades humana e remete ao direito da pessoa escolher se quer ou não ter relação sexual, a qual deve ser segura e o direito de viver e expressar livremente a sexualidade sem violência, discriminação coerção ou julgamentos, com total respeito ao corpo (Leite, Murray, & Lenz, 2015; Thng et al., 2018; Carter et al., 2018).

Diante disso, objetivou-se compreender os significados da satisfação sexual para mulheres que vivenciam que o trabalho sexual, numa perspectiva fenomenológica com o experienciado e o vivido.

2. Método

Trata-se de um estudo qualitativo, fundamentado nas abordagens fenomenológicas de Sartre e Heidegger. Ressalta-se que em estudo fenomenológico não se detém em estabelecer as relações causais ou encontrar explicações, contudo prima por descrever diretamente a experiência tal como ela. Pesquisas pautadas na Fenomenologia, leva o pesquisador a se ater aos dados factíveis dos fenômenos, a partir do entendimento de que a existência deva preceder a essência (Heidegger, 2012; Sartre, 2015).

A abordagem fenomenológica sartriana considera o ser humano, nesse caso a mulher no exercício no trabalho sexual, em sua situação ontológica, devido a sua liberdade vivenciada com o seu corpo e sua sexualidade. Para Sartre, deve-se considerar o vivido por meio dos detalhes de cada situação, como o contexto, os arredores, o lugar, o passado e todas as relações estabelecidas dentro de seu mundo (Sartre, 2015; Sartre, 2016).

Por sua vez, a perspectiva fenomenológica heideggeriana possibilita a construção de sentidos amplos da interação do indivíduo com o mundo, ou seja, da mulher inserida no trabalho sexual e todo o seu universo do vivido (mãe, mulher, filha, avó, tia, amiga, esposa), por meio da sua própria essência (Heidegger, 2012; Castro & Ehrlich, 2016). Conforme Heidegger, a experiência concreta vivida do ser humano é *Dasein*, nesse caso a existência do 'ser-ai', bem como as suas formas de expressão, os seus modos, as ideias, os seus significados e sentidos, estão concatenados no mundo com os demais indivíduos, fenômenos e coisas (o *Dasein* está nesse mundo, se relaciona e convive com outros *Dasein*), tornando-o assim o ser/estar no mundo (Heidegger, 2012).

As participantes do estudo foram trabalhadoras sexuais da Microrregião de Guanambi-BA, sede do Alto Sertão Produtivo Baiano e que tem em sua região de abrangência 19 municípios, com pouco mais de 400.000 habitantes (Couto et al., 2020). Compuseram a amostra, não probabilística por conveniência, 30 mulheres que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: idade igual ou superior a 18 anos e estar desempenhando atos de prostituição no período da coleta. A técnica de *snowball* (Bola de Neve) constitui-se enquanto artifício para acesso às participantes, visto que, este é um grupo de invisibilidade social, com poucos registros quantitativos, quer seja em nível regional, quer nacional, o que dificulta estimar a população (Vinuto, 2016). As Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), foram quem fizeram os convites de modo prévio e ressaltaram o caráter voluntário e anônimo às mulheres para participação.

A aproximação com as participantes deu-se por intermédio dos profissionais do Centro de Testagem e Aconselhamento Regional do município sede do Alto Sertão Produtivo. Antes de proceder com a coleta de informações, houveram reuniões de aproximação (iniciado em novembro de 2016 e finalizado em abril de 2017, quando houve o encontro dos pesquisadores quinzenalmente), algo preponderante para pesquisas qualitativas, fundamentadas em marcos teóricos, como para esse estudo a Fenomenologia e, que requer dos pesquisadores aprofundamento com a temática, além de observação e familiaridade com as participantes e o seu cotidiano. Para tanto, os responsáveis pelo projeto lançaram mão de encontros semanais para a realização de um projeto de extensão, com a finalidade de aplicação de oficinas feministas, tanto para tangenciar diálogo e troca de saberes sobre educação em saúde e a vida no trabalho sexual, quanto para conhecer mais as mulheres e entender melhor seu contexto.

A coleta de dados ocorreu individualmente entre os meses de abril de 2017 à Junho de 2018, com aquelas que aceitaram os convites, em salas fechadas de duas Unidades Básicas das Estratégias de Saúde da Família e de forma simultânea pelos próprios pesquisadores, localizadas próximas ao ambiente de trabalho dessas mulheres. Contudo, como algumas delas não puderam deslocar-se até estas unidades e, por isso, foram agendadas visitas, com autorização prévia do Centro de Testagem e Aconselhamento, para fins de coleta de informações nas residências ou locais de trabalho das participantes.

A produção dos dados ocorreu com a aplicação do roteiro elaborado pelos pesquisadores, que continha itens para a caracterização das participantes, duas questões abertas para guiar a entrevista em profundidade: "fale-me o que você entente ser satisfação sexual"; "fale-me como você vivencia a satisfação na vivência do trabalho sexual ou o prazer na prostituição". As questões estruturadas para caracterização, englobavam as variáveis idade, escolaridade, religião, satisfação com o trabalho e uso de preservativo e anticoncepcional. As entrevistas foram gravadas pelos recursos de um aparelho celular e tiveram duração média de 25 min. Com a entrevista fenomenológica, foi possível aprofundar (sem a interferência do pesquisador) na subjetividade envolta do tema e as conexões estabelecidas entre orgasmo, satisfação sexual e o trabalho sexual, na esfera da sexualidade humana, enquanto um dispositivo íntimo e psicológico, que é a forma como as pessoas experenciam o prazer.

As falas produzidas na entrevista foram organizadas e transcritas na íntegra no *software Microsoft Word 2013*, em seguida submetidas às análises interpretativas: Progressiva-regressiva que foi desenvolvido por Sartre, pois contribui para pesquisador o entendimento de aspectos únicos, porém universais na experiência vivida das pessoas, a partir de um movimento de vai-e-vem da narrativa elaborada da sua própria existência, assim como favorece a análise da liberdade ontológica do ser e

a sua compreensão da condição de liberdade (Sartre, 2015; Castro & Ehrlich, 2016); e a Existencial, possibilitada por Heidegger, a partir da compreensão do *Dasein*, ou seja, cuja preocupação é pensar tanto o ser e o seu sentido por meio das condições de possibilidade dos entes, quanto a relação daquilo que é real no mundo do ser humano (contexto do trabalho sexual) – que é o ente - e o entender-se a si mesmo, a partir de sua existência e do vivido (a satisfação sexual experienciada na vivência da profissão) – que é o *Dasein* (Heidegger, 2012; Souza, Cabeça, & Melo, 2018).

As duas propostas de análises, permitiram a interpretação dos sentidos e significados construídos sobre a satisfação sexual, a partir da experiência de mulheres no vivido no cotidiano do trabalho sexual. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ensino Superior de Guanambi com protocolo de número 2.007.080 em 2017, respeitando todos os princípios que envolvem a pesquisa com seres humanos.

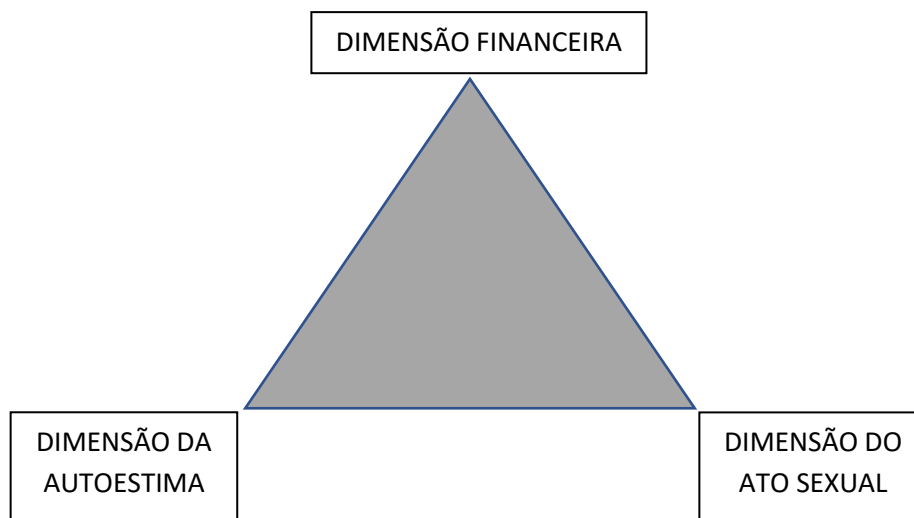
3. Resultados

Do total das participantes, a maioria das participantes deste estudo tinha idade entre 18 e 35 anos (78,2%); casadas (32%), divorciadas ou separadas (47%); possuía baixo nível de escolaridade (53,6%); declarou-se negra (59,4%), católica (55,1%), trabalhava há menos de 05 anos (68,1%), não estava satisfeita com a profissão (58%), usavam preservativos nas relações sexuais (63,8%) e anticoncepcional (66,7%).

Cabe um destaque à descrição do perfil, obtido com as observações e interação com as trabalhadoras do sexo residentes em cidades que compõem o Alto Sertão Produtivo Baiano: são residentes da zona rural e ou em cidades menores que a sede da região, muitas delas casadas ou divorciadas, que estão no serviço sexual remunerado com o intuito de subsidiar o sustento para si e seus familiares. Além disso, algumas frequentam os centros das feiras-livres, onde se encontram com os comerciantes e feirantes (características de seus principais clientes) em quartos alugados por donos de residências e bares, que estimulam indiretamente o serviço sexual remunerado e consentido.

Alguns sentidos foram congruentes nas narrativas e no cotidiano delas (descritos ou observados), apresentando semelhanças e significados, que possibilitaram a inferência de dimensões subjetivas para análise, as quais são regidas por três características da satisfação sexual: financeira, autoestima e ato sexual (figura 01). Todas se convergem para a explicação de como o prazer é experienciado pelas mulheres, e a forma como é percebido e compreendido no aprendizado e no cotidiano do serviço sexual.

Figura 01: modelo explicativo esquemático das três dimensões expressadas como sentidos atribuídos à satisfação sexual por trabalhadoras sexuais. Guanambi, Bahia, Brasil. (n=30).



Tais dimensões, expressas e sentidas durante o aprendizado e o vivido da profissão do sexo, se coadunam enquanto os significados que revelam interfaces, com as experiências sexuais individuais, obtidas com os clientes ou com os companheiros.

"Entendo enquanto prazer, gozo, que sinto com quem me dá afeto, sinto quando estou com namorado, mas com quanto fico com o cliente, penso tanto no dinheiro e na vontade de terminar logo, que nem chego a gozar. Claro que rola as vezes e acontece, porque tem uns clientes que me procura sempre, já me conhece, me dá carinho, se preocupa com preliminares e quanto mais demora a preliminar mais eu cobro e eles não se importam e, ai já viu né? Sinto prazer." (Profissional do sexo 02).

"Quando faço programa, é profissional, estou ali pelo dinheirinho que vou ganhar, não escolho o homem que está comigo. Em casa me divirto com meu namorado, porque com ele que é bom e ele sabe como me dar prazer." (Profissional do sexo 19).

"Sexo aqui é para o sustento dos meus filhos, preciso pagar minhas contas, comprar roupas, comprar remédio para minha mãe, que tem pressão alta e diabete. Não sei se faria outra coisa, pois tenho pouco estudo e os patrões não pagam tão bem." (Profissional do sexo 12)

"Eu não posso esperar até o fim do mês para ter dinheiro e um salário mínimo não pagam minhas contas. Tenho filho pra sustentar, nem sempre o pai dele manda dinheiro. Da última vez que ele adoeceu tive que pagar médico e remédio, se não fosse meu dinheiro, não sei o que teria acontecido." (Profissional do sexo 7).

"Naquele momento, o do programa sabe, penso no dinheiro, no que eu quero para minha vida, meu prazer está no dinheiro que vou ganhar e quando não está legal, fecho os olhos e só penso nisso, no que eu posso ter. Orgasmo mesmo eu tenho com um cara

que eu sou apaixonada, mas ele não quer me assumir ainda, pois ele trabalha viajando.” (Profissional do sexo 9).

“Moço minha satisfação sexual eu tenho quando estou com meu companheiro, que me dá carinho, amor, me compreende, quando me faz gozar, sabem. Sexo com cliente para mim é sinônimo de dinheiro, já senti prazer com poucos caras, tem uns que sabem agradar a mulher, mesmo sendo puta, mas a maioria deles só querem gozar mesmo, e assim eu quero que termine logo.” (Profissional do sexo 22).

Apesar de a conjugalidade e matrimônio ser algo não vivenciado por algumas delas, há uma mudança na forma como as trabalhadoras do sexo entendem a satisfação sexual alcançada com os companheiros fixos (por quem desenvolvem sentimentos e afetos): o prazer orgástico, algo não experienciado com os clientes, mas fonte de prazer e autoestima, é importante para as questões emocionais e de enfrentamento delas, enquanto *Dasein*, enquanto ser que está para além do trabalho com o sexo. Além disso, a experiência vivida pelas participantes demonstra que a situação atual dessas mulheres, com uma condição sociodemográfica vulnerável, é de acúmulo de atividades (algumas trabalham fora sustentar para sustentar seus familiares, além de fazerem a manutenção do lar – dupla ou tripla jornada), de invisibilidade das instâncias sociais e do Estado, de marginalização e exclusão, com vida dupla para manter o anonimato da profissão e a impossibilidade de revelar a identidade para a sociedade. Por todas essas situações experienciadas no cotidiano do trabalho sexual, a satisfação sexual perde o sentido do orgasmo para algumas delas e ganha a conotação de nada, remetendo apenas ao ato sexual, como objeto de troca pelo dinheiro.

“Quando eu penso em sexualidade, não penso em coisas boas, é sempre ruim. Já fui violentada por um tio meu, quando eu era mocinha, então quando qualquer homem encosta em mim, não sinto nada, daí prefiro pensar no dinheiro, porque se não for isso nem um homem toca em mim.” (Profissional do sexo 3).

“Sexo para mim durante o programa desperta medo, porque tenho trauma, sabe? Já fui violentada por um cliente, que me bateu, ameaçou e fez a força e no final não me pagou. Daí em diante, tomei nojo. Não gozo com homem, não sinto prazer como eles, apenas com meu vibrados que uso. Como preciso muito dinheiro para sustentar minha família, eu bebo e as vezes fumo uma maconha para relaxar e conseguir sair com eles, principalmente nos dias que estou mais ansiosa e agitada.” (Profissional do sexo 6).

“Sexo não é prazeroso; é um lixo. Eu só estou nessa pra conseguir dinheiro, transar é muito ruim, é necessidade mesmo, serviço. Na hora da transa o homem só pensa nele. Mas é até bom, porque termina logo.” (Profissional do sexo 10).

“Eu tenho que dar a cara, a vida tem altos e baixos, eu não me entrego, tenho medo de me apaixonar, medo de ser agredida novamente, por isso, me preocupo em terminar logo. Desde que separei do meu marido, não vi outro caminho a não ser

prostituir e desde então, decidi que só faria sexo por dinheiro e não por prazer. Decidi que só gozaria de novo quando alguém se apaixonasse por mim. Até hoje não me encantei por ninguém, homem é tudo igual, só pensa nele?” (Profissional do sexo 21).

“Moço, ultimamente nem marido, que não sabe que faço vida, tem me dado prazer. Temos passado por uma situação muito séria, pois ele está muito doente e com cliente mesmo não gozo não. Nem me lembro da última vez que senti algo com deles. Lá em casa a gente como a gente está precisando aumentar a renda, foco mesmo em ganhar mais enquanto tem procura, como nos dias de feira, e aí, para adiantar tudo, fico numa posição que homem goza logo e sai e, daí, vou com outro.” (Profissional do sexo 27).

Seja como algo hegemônico para o grupo, seja como um sentido particular para cada profissional do sexo, evidencia-se que a satisfação sexual está relacionada às situações que contribuem e interferem na vivência e nos enfrentamentos das adversidades impostas pelo trabalho sexual. A satisfação sexual, enquanto um indicador subjetivo individual de qualidade de vida e de saúde, adquire múltiplos significados à medida que cada mulher conta sua experiência, comprovando que o ser/estar nessa profissão revela o sentido que o prazer adquire para elas: para algumas é o orgasmo alcançado com a prática sexual e envolvimento de sentimentos de afeto e emoções, caracterizando, a dimensão da autoestima; para outras não significa nada durante o ato sexual com o cliente, sendo considerada apenas uma prática de troca para obtenção de dinheiro, caracterizando as dimensões financeiras e do ato sexual.

4. Discussão

Os sentidos que as trabalhadoras sexuais, atribuíram à satisfação sexual, são reflexos do cotidiano da profissão, bem como dos aprendizados e experiências adquiridas no contato com os clientes e de seu contexto de vida (Pasini, 2015), sendo fundamentados em três dimensões transversais, quais sejam, a financeira (dinheiro), a da autoestima e a do ato sexual.

O modelo explicativo apresenta que para as participantes, a satisfação sexual, sob o aporte da fenomenologia, não se limita apenas ao ato sexual, mas inclui o financeiro e a autoestima (emoções). Desse modo, elas desvelam o significado mais amplo de satisfação sexual, como algo voltado à esfera subjetiva da saúde sexual e da sexualidade e não apenas os fatores fisiológicos. Portanto, assim como em outros estudos realizados com grupos populacionais, a satisfação sexual, enquanto sinônimo para o prazer (orgasmo) está sedimentada nos aspectos da prática sexual e do campo das emoções (França, 2017; Couto et al., 2020).

Na fenomenologia heideggeriana, são elencadas características do latente e imediato, que são exteriorizados, a partir das experiências da existência humana. De

maneira mais ampla, esses aspectos subjetivos mostram as significações construídas da totalidade do indivíduo no tempo, que compreende o ser como a linguagem, os gestos, os sentimentos e as relações estabelecidas com o seu contexto. Apontam-se, a partir disso, na compreensão vaga e mediana, a reflexão sobre os significados que a satisfação sexual adquire em interface à sexualidade e foge à noção de prazer (orgasmo), na medida em que o trabalho sexual é vivenciado e incorporado ao vivido (Heidegger, 2012; Foucault, 2014; Pasini, 2015).

Nesse pressuposto, o *Dasein*, que designa o ser enquanto ente e possibilita entender a si mesmo enquanto ser que existe, volta-se à existência e não ao corpo e a alma, já que ele (*Dasein*) é o compreender-se e o projetar-se que está sempre em construção, sendo o “poder-ser” sempre (Heidegger, 2012). A compreensão do aspecto psíquico, dos sentidos dados à sua própria existência, enquanto trabalhadora sexual, remete a temporalidade, e é corroborada pelo método sartreano, visto que o tempo (passado, presente e futuro) possibilita uma movimentação constante de transformação do ser, o que favorece a constituição e obtenção de significados que as pessoas dão a algo, a partir do ato reflexivo-subjetivo, ou seja, para esse estudo, a forma como elas vivenciam e experienciam a sua sexualidade e todas as formas de prazer (ou não) no seu labor, sendo esse um reflexo da sua temporalidade originária (Sartre, 2015).

Reitera-se que a sexualidade humana e, em seu contexto, a saúde sexual, tem sido um desafio para grupos associados a estigmas sociais e populações vulneráveis, o que oferece importância à compreensão deste fenômeno e ao levantamento de hipóteses às subjetividades das mulheres, como a sexualidade (Foucault, 2014; Karamouzian et al., 2016). O sentido como o dinheiro e a vida financeira são entendidos, como uma dimensão importante da satisfação sexual, se apresenta com um significado ambíguo: real e subjetivo, a exemplo do que foi evidenciado em estudo desenvolvido com trabalhadoras sexuais francesas, ao mostrar a conotação que a vida financeira possui ao ser associada ao serviço com os clientes (Broqua & Deschamps, 2014).

O sentido é real, porque possibilita a subsistência e o acesso a bens e serviços, e subjetivo, porque tem associação ao prazer, que é vivenciado de forma dúbia em seu contexto: com os clientes (em que há a barganha da renda com o prazer do homem) e com seus companheiros/parceiros fixos (há obtenção da autoestima do afeto, dos sentimentos e das emoções) (Broqua & Deschamps, 2014; Sartre, 2016; Castro & Erlich, 2016).

Nesse contexto de uma profissão (que ainda não é regulamentada), o *Dasein* explica que a satisfação sexual, apesar de ser um dispositivo psicológico, ganha a conotação de instrumento usado para o manejo pessoal das subjetividades e necessidades das mulheres, enquanto seres-no-mundo, cujo papel social possibilita a liberdade sexual e fantasias masculinas, a partir da remuneração pelo serviço prestado (Heidegger, 2012; Giacomello & Melo, 2019).

Em estudo feito com objetivo de entender o 'ser prostituta', foi apontado que estas profissionais, associam de forma simbólica as práticas sexuais ao aspecto financeiro, visto que é uma maneira que encontraram para materializar as conquistas pessoais a partir da renda, isto favorecesse a melhoria das condições de vida de seus familiares e filhos (Silva, Borges, & Mafra, 2013). Deste modo, algumas gostam do que fazem, se sentem bem com a prática da prostituição e não pensam em mudar de profissão, pois não veem outra opção como fonte de dinheiro e sobrevivência (Leite, Murray, & Lenz, 2015; Nascimento & Garcia, 2015).

Heidegger pondera que o *Dasein*, ao se deparar com um outro ente, que se comporta como ser-com, não deve com ele se ocupar, mas, sim, se preocupar (Heidegger, 2011; Amorim et al., 2018). No presente estudo, algumas profissionais do sexo demonstram não se preocupar consigo ou seu orgasmo/prazer sexual, pois o seu serviço ofertado ao cliente, é forma de se preocupar com aqueles que dependem delas (pai, mãe, filho, companheiros), uma vez que os percebem como um ser que demandam cuidados e atenção, os quais devem ir além do físico, reconhecendo suas necessidades particulares, como alimentos, vestimentas, acesso aos insumos e serviços de saúde, diversão, dentre outros (Nascimento & Garcia, 2015; Giacomello & Melo, 2019).

A satisfação sexual vivida no contexto do labor, seja em função do lucro ou do prazer, apreendida na memória individual e coletiva das trabalhadoras sexuais, está associada com o ato sexual e converge com o que foi relatado por trabalhadoras sexuais da zona boêmia localizada no centro de Belo Horizonte (França, 2017). Entretanto, mesmo que o orgasmo em si seja raro de se obter na prática com os clientes, outros estudos sugerem que ele pode ocorrer quando há um vínculo maior entre profissionais do sexo e parceiros fixos ou entre clientes por quem desenvolvam uma relação mais afetiva (Silva et al., 2013; Foucault, 2014; Foley, 2017).

Em estudo etnográfico desenvolvido na fronteira amazônica entre Brasil, Colômbia e Peru, revelou aspectos diferentes dos significados sobre satisfação sexual apresentados pelas profissionais do sexo residentes no Alto Sertão (dinheiro para a subsistência e prazer com os parceiros fixos). Na região amazônica, verificou-se que a trajetória de Julieta e das demais mulheres e pessoas que tem como labor o serviço sexual consentido e remunerado, desenvolvem um novo sistema de produção social e decolonial, visto que rompem com paradigmas e desejos contra-coloniais, pois são ao mesmo tempo são mães, irmãs, vizinhas, amantes, esposas ou namoradas e 'putas', para obtenção de seu próprio prazer e satisfação de seu corpo ou para ter independência (Olivar, 2017).

Logo, as mulheres de ambas as regiões supracitadas (que como em diversas regiões carentes da Latino América, inclusive no Brasil), estão usando seus corpos como tática eficazes de alcançar seus objetivos, através de recursos eróticos que lhes conferem poder sistemático e intercambial. São mulheres, cujas existência é marcada

pelas iniquidades interseccionais (raça, cor e gênero), cujo ser ontológico está em luta constante em um tempo e espaço plural (*Dasein*), para ter dignidade, ter seus direitos atendidos, cuja existência por si só descontrói a normatividade (Olivar, 2017; Heidegger, 2012; Sartre, 2015).

Todavia, outra pesquisa desenvolvida com trabalhadoras sexuais de Fortaleza no Ceará, cujo intuito foi compreender as principais necessidades no cotidiano de vida delas, notou-se nos discursos da maioria ausência do prazer nas relações sexuais quando indagadas sobre a expressão da sexualidade, por terem dificuldades de desenvolverem relações de afeto com os homens, sejam clientes ou parceiros, possivelmente em detrimento de acontecimentos sempre presentes ao longo da vida (Reis et al., 2014). Desta forma, as experiências atemporais, no passado e no presente, estavam tomadas por emoções que remetiam a baixa autoestima e sentimentos negativos, revelados enquanto atribuíam significados à satisfação sexual e avaliavam a qualidade de vida (Nascimento & Garcia, 2015; Prada, 2018).

Na perspectiva de Sartre, o tempo e, nesse caso, o passado não determina ações das pessoas no futuro, contudo reflete em decisões do presente, e portanto, não pode ser modificado, mas pode ser ressignificado, por meio de atitudes, comportamentos, ações e outros modos de enfrentamento (Sartre, 2015). Nesse sentido, as falas das depoentes expressam, dentro do aspecto regressivo sartreano, que as nuances da satisfação sexual para as trabalhadoras do sexo, são permeadas tanto pelo aprendizado, quanto pelas necessidades e experiências vividas no âmbito do serviço sexual (Reis et al., 2014; Pasini, 2015; Beauvoir, 2016).

Heidegger (2012) considera que o *Dasein* – conceito utilizado para expressar o ser enquanto ente – é um ente inacabado, edificando-se, fazendo-se, fornecendo um sentido de compreensão com a temporalidade. O *Dasein* é, portanto, um ainda-não, mas, constitui-se, em contrapartida, num constante poder-ser, que se desenha numa existência em construção. O estabelecimento de uma relação de compreensão do ser-com-outro far-se-á possível tão somente se intermediada pela empatia, pela aproximação do outro e do contexto em que ele se insere (Heidegger, 2012).

Desse modo, apreende-se que a compreensão acerca do ofício das trabalhadoras sexuais – percebidas, aqui, enquanto ente, o ser-aí postulado por Heidegger (2012), cuja existência se faz na caminhada presente, sempre associada à sua essência e às idas e voltas ao tempo e espaço vivido (Sartre, 2015) – somente será possível a partir de uma postura empática, livre de juízo de valor, não apenas do “ser-aí” (Amorim et al., 2018) que representaria essas profissionais, mas da conjuntura difícil e ambígua do contexto que as cerca.

De um lado, a exiguidade de recursos financeiros, a baixa escolaridade e qualificação profissional, a falta de proteção do Estado, conflitando com a necessidade urgente de provisão das necessidades dos seus filhos e familiares. De

outro, o ser mulher passível de intercâmbio romântico e do orgasmo obtido com o cliente, para além do retorno financeiro, apontando para novas conceitualizações do amor, que rompe com o ideal sentimental ocidental e que nasce da erotização das desigualdades/iniquidade interseccionais (engendradas na sexualização da pobreza e racialização), de uma relação que nasce o sentimento de afeto com o cliente (Pscitelli, 2014).

A construção do ser/estar durante o vivido, é um projeto individual e permanente, que ocorre num movimento de ir e vir, na possibilidade de refutar o determinismo biológico, sendo mais demandado e exigido para mulheres que trabalham com a atividades sexual. Isso se deve, pelo fato de haver uma oscilação dos papéis de gêneros imputados historicoculturalmente à mulher, do que é ser trabalhadora sexual que ora experimenta o prazer e valoriza a si, ora centra-se no seu serviço e na sua remuneração para atender as demandas elementares próprias e do seus parentes, fundamentais para a sobrevivência na vida em sociedade, que revela as trabalhadoras sexuais como um movimento de vir a ser, num projeto de ser mulher, que refuta toda possibilidade de um determinismo natural (Hirata, 2014; Foucault, 2014; Beauvoir, 2016).

Outrossim, as limitações desse estudo podem residir no fato de que a abordagem fenomenológica apresenta o ser de maneira não objetiva, numa perspectiva que demanda uma compreensão flexível, sugerindo uma apreensão que não se pode se pode exaurir. Sendo assim, podem-se apresentar equívocos interpretativos no que tange ao objeto em questão. Além disso, as diversidades de perfis de trabalhadoras sexuais podem ter sido limitantes, visto que é importante obter-se percepções e vivências de variados contextos contudo houve dificuldade de acesso a elas e o local de sua realização, o Alto Sertão Produtivo Baiano, região do interior do Brasil com presença forte do patriarcalismo, faz com que muitas trabalhadoras sexuais tenham codinomes e permaneçam no anonimato.

Deve-se destacar que esta localidade, assim como as demais cidades interioranas do Brasil, possui costumes e cultura que valorizam as tradições morais, religiosas e familiares que marginaliza a sexualidade feminina e todas as questões subjetivas imbricadas, como aluguel dos corpos para a obtenção de renda e a invisibilidade do prazer e da satisfação sexual da mulher (Couto et al., 2020). Este conjunto forma um arcabouço ideológico fundamentado no machismo e no patriarcalismo, o que interfere na marginalização, no estigma e no preconceito, que influenciam nas percepções construídas (Hirata, 2014).

5. Conclusão

A partir da abordagem fenomenológica heideggeriana e sartriana, torna-se viável a conclusão de que, para as profissionais do sexo oriundas de uma região carente do

Brasil (Alto Sertão Produtivo Baiano), inquiridas acerca da satisfação sexual, os sentidos e significados da satisfação sexual, revelam aspetos concatenados a sua realidade e o seu contexto de vida: a renda para a subsistência e o orgasmo alcançado com quem nutre afeto.

O termo dinheiro, remetido por elas em associação à “sobrevivência” ou “lucro” e, por sua vez, conquistado através do ofício que praticam, relaciona-se às três dimensões expressadas como significados vivido, a partir das experiências adquiridas em contexto ambíguo, cuja temporalidade (passado, presente e futuro) não são lineares, mas subjetivos, visto que cada uma das mulheres aprenderam o serviço sexual e se inseriram/foram inseridas de modo único e num período e espaço/lugar que lhe proporcionou pertencimento.

As narrativas apontam experiências ensinadas e vividas, em que se observa a relação entre serviço sexual, satisfação financeira com os clientes e sexual/afetiva com os parceiros fixos. Com a análise fenomenológica sobre satisfação sexual, por meio dos sentidos construídos no cotidiano de serviço e dos aspectos subjetivos do que é ser/estar no trabalho sexual, profissionais de saúde poderão refletir e discutir acerca da satisfação financeira e sexual entre as trabalhadoras do sexo e assim pensar maneiras de abordá-las e de implementar um cuidado que atendam às suas necessidades.

Dentre as ações que os profissionais podem adotar, destacam-se as intervenções de promoção à saúde, possibilitando às mulheres inseridas no labor sexual consentido, maior autonomia sobre seus corpos, no intuito de possibilitar maior liberdade e conhecimento de si e do quanto sua realidade influencia no bem-estar e na qualidade de vida, que inevitavelmente refletirá na satisfação sexual, já que a maioria mostrou-se ter baixa escolaridade, logo pouco conhecimento científico, o que reforça a presença de problemas relacionados com a pobreza e falta de empoderamento, comum à localidade onde residem (regida pela cultura patriarcal), algo que a assistência e a educação em saúde possibilitará resolução.

6. Bibliografia

- Amorim, T. V., Souza, Í. E. O., Salimena, A. M. O., Queiroz, A. B. A., Moura, M. A. V., & Melo, M. C. S. C. (2018). Risco reprodutivo em gestantes portadoras de cardiopatia: o mundo vivido direcionando o cuidado em saúde. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 27(2), e3860016. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-070720180003860016>
- Broqua, C., & Deschamps, C. (2014). Transactions sexuelles et imbrication des rapports de pouvoir. In (Eds.) *L'échange economico-sexuel* (pp. 45-66). Paris: Éditions EHESS.

- Beauvoir, S. (2016). *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Tradução, Rio de Janeiro, Brasil: Nova Fronteira.
- Carter, A., Greene, S., Money, D., Sanchez, M., Webster, K., Nicholson, V., et al. (2018). Supporting the Sexual Rights of Women Living With HIV: A Critical Analysis of Sexual Satisfaction and Pleasure Across Five Relationship Types. *The Journal Of Sex Research*, 55(9), 1134-1154. doi: <https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1440370>
- Castro, F. G., & Ehrlich, I. F. (2016). *Introdução à psicanálise existencial: Existencialismo, fenomenologia e projeto de ser*. Curitiba, Brasil: Juruá.
- Couto, P. L. S., Montalvão, B. P. C., Vieira, A. R. S., Vilela, A. B. A., Marques, S. C., Gomes, A. M. T., et al. (2020). Social representations of female sex workers about their sexuality. *Investigación y Educación em Enfermería*, 38(1), e03. doi: <https://doi.org/10.17533/udea.iee.v38n1e03>
- Foley, E. E. (2017). Regulating sex work: subjectivity and stigma in Senegal. *Culture, Health & Sexuality*, 19(1), 50-63. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/13691058.2016.1190463>
- Foucault, M. (2014). *História da Sexualidade, 2: O Uso dos Prazeres* 5.ed. (M. T. C. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro, Brasil: Edições Paz e Terra. (Obra originalmente publicada em 1984).
- França, M. (2017). Práticas e sentidos da aprendizagem na prostituição. *Horizontes Antropológicos*, 23(47), 325-349. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832017000100011>
- Giacomello, K. J., & Melo, L. L. (2019). The meaning of the care of hospitalized children: experiences of nursing professionals. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(Suppl 3), 251-258. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0597>
- Heidegger M. (2012). *Ser e tempo*. Campinas (SP), Brasil: Editora da Unicamp/Vozes.
- Hirata, H. (2014). Gênero, classe e raça: interserccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social: revista de sociologia da USP*, 26(1), 61-73. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005>
- Karamouzian, M., Foroozanfar, Z., Ahmadi, A., Haghdoost, A. A., Vogel, A., & Zolala, A. (2016). How sex work becomes an option: Experiences of female sex workers in Kerman, Iran. *Culture Health & Sexuality*, 18(1), 58-70. doi: <https://doi.org/10.1080/13691058.2015.1059487>
- Leal, C. B. M., Souza, D. A., & Rios, M. A. (2017). Aspectos de vida e saúde das profissionais do sexo. *Revista de Enfermagem UFPE online*, 11(11), 4483-4491. Recuperado de <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/22865/24743>.
- Leite, G. S., Murray, L., & Lenz, F. (2015). O Par e o Ímpar: o potencial de gestão de risco para a prevenção de DST/HIV/AIDS em contextos de prostituição. *Revista*

- Brasileira de Epidemiologia*, 18(Suppl 1), 7-25. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-4503201500050003>
- Martínez, A., & Rodríguez, P. (2020). *Placer, dinero y pecado: historia de la prostitución en Colombia*, Bogotá, Colombia: Aguilar.
- Nascimento, S. S., & Garcia, L. G. (2015). Nas armadilhas do desejo: privações e movimentos de jovens prostitutas em zonas rurais. *Caderno CRH*, 28(74), 383-396. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-497920150002000100>
- Olivar J. M. N. (2011). Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 26 (75), 89-189. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092011000100005>
- Olivar J. M. N. (2017). Género, dinero y fronteras amazónicas: la "prostitución" en la ciudad transfronteriza de Brasil, Colombia y Perú. *Cadernos Pagu*, (51), e175115. doi: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510015>
- Pasini, E. (2015). Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. *Cadernos Pagu*, 14, 181-200. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635351>
- Piscitelli, A. (2014). Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil. *Cadernos Pagu*, (42), 159-199. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420159>
- Prada, M. (2018). *Put a Feminista*. São Paulo, Brasil: Veneta.
- Reis, T. G. O., Penha, J. C., Neri, E. A. R., Luz, G. O. A., & Aquino, P. S. (2014). Educação em saúde com prostitutas: uma experiência de educação aos pares. *Revista de Enfermagem UFPI*, 3(3), 46-52. Recuperado de: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/1740/pdf>
- Sartre, J. P. (2015). *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Sartre, J. P. (2016). *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Silva, K. A. T., Borges, G. F., Mafra, F. L. N., & Cappelle, M. C. A. (2013). Ser prostituta: o sentido do trabalho moralmente inaceitável. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 11(2), 215-246. Recuperado de: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21885/18410>
- Souza, M. A., Cabeça, L. P. F., & Melo, L. L. (2018). Pesquisa em enfermagem sustentada no referencial fenomenológico de Martin Heidegger: subsídios para o cuidado. *Avances en Enfermería*, 36(2), 230-237. doi: <https://dx.doi.org/10.15446/av.enferm.v36n2.67179>
- Thng, C., Blackledge, E., Mclver, R., Watchirs, S. L., & McNulty, A. (2018). Private sex workers' engagement with sexual health services: an online survey. *Sexual Health*, 15(1), 93-95. doi: <https://doi.org/10.1071/SH16243>
- Vinuto, J. (2016). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44). doi: <https://doi.org/10.20396/temáticas.v22i44.10977>

Zelizer, V. (2009). *La negociación de la intimidad*. Cidade do México, México: Fondo de Cultura Económica.

Cómo referenciar este artículo/How to reference this article (*):

Santos Couto, P.L., Silva Flores, T., Souza da Costa Pereira, S., Porcino, C., y Alves Vilela, A.B. (2022). Sentidos atribuídos à satisfação sexual por mulheres que vivenciam o trabalho sexual: estudo fenomenológico. *iQUAL. Revista de Género e Igualdad*, 5, 98-115, doi: 10.6018/iqual.471681

Santos Couto, P.L., Silva Flores, T., Souza da Costa Pereira, S., Porcino, C., y Alves Vilela, A.B. (2022). Sentidos atribuídos à satisfação sexual por mulheres que vivenciam o trabalho sexual: estudo fenomenológico. [Meanings attributed to sexual satisfaction for women who experience sex work: phenomenological study]. *iQUAL. Revista de Género e Igualdad*, 5, 98-115, doi: 10.6018/iqual.471681

(*) La autoría colectiva responde a una contribución conjunta en todos los apartados.